

Ficha Técnica

Título

MUSEAL – Revista do Museu Municipal de Faro
N.º 2 – “A Conservação Preventiva. Prevenir para preservar o património museológico”

Edição

Câmara Municipal de Faro / Departamento de Cultura e Património / Museu Municipal de Faro

Direcção

Dália Paulo

Investigadora co-responsável

Catarina Alarcão

Conselho Científico

António Nabais
Clara Camacho
João Brigola
José d'Encarnação

Textos

Anabela Almeida
Andreia Machado
Catarina Alarcão
Dulce Delgado
Gabriela Carvalho
Inês Correia
Joana Amaral
José Gameiro
Leonor Esteban
Lina Falcão
Mana João Pacheco Ferreira
Mathias Tissot
Pedro Redol
Sara Leite Fragoso
Susana Paté

Design

Sandra Guerreiro – Museu Municipal de Faro

Logotipo

Ideias em Baú, Comunicação Marking, LDA

Tradução

Luis Santos - Museu Municipal de Faro e Ruth Gale

Impressão

Gráfica Comercial

Depósito Legal 242182-4202

ISSN 1648-4202

Data

Junho de 2007

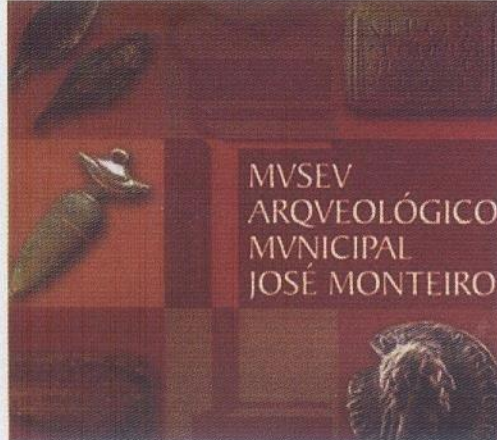
Tiragem

1000 exemplares

Agradecimentos

Pedro Redol
Museu Nacional de Machado de Castro
Lina Falcão

Solicita-se permuta. We request exchange. On prie l'échange. Se solicita permuta.



ROSA (João Mendes) [coord.], Museu Arqueológico Municipal José Monteiro – Catálogo, Câmara Municipal do Fundão, 2007. 88 pág. Ilustr.

Num deveras interessante labor de design do gráfico Belarmino Lopes, papel couché de mui excelente qualidade, em claro privilégio generosamente dado às ilustrações, este catálogo insere-se, sem dúvida, no rol das obras que poderíamos designar «de prestígio».


Não deixa, porém, de constituir também sugestivo guia para bem se compreenderem os objectos expostos como insofismável fonte para o conhecimento da vida do Homem em tempos idos – pré-históricos e romanos. Daí o lugar de relevo assumido pelos desenhos de Ricardo Tércio, a mostrar como se tecia, como era uma oficina de canteiro, o peristilo de uma casa romana, as vestimentas do legionário, a fundição, a olaria, o uso do machado de pedra polida, as técnicas de lascar o sílex...

Conta o actual director do Museu, Mendes Rosa, como tudo começou, em 1942, pelas mãos de José Alves Monteiro (1890-1980), benemérito juiz cuja biografia se traça a páginas 11-13, e como «durante mais de sessenta anos» o museu «vegetou no vagar da incúria e do esquecimento». Não merecia nem uma nem outro o singular espólio arqueológico que, ano após ano, o foi enriquecendo. O que se inaugurou a 25 de Fevereiro do corrente ano de 2007, num edifício histórico reabilitado (o Solar Taborda Falcão – p. 14-19), resulta, pois, «de uma determinação plural», para usarmos das suas palavras: «autarquia, unidades académicas e museais várias, universidades, individualidades, investigadores e a própria sociedade fundanense».

Na verdade, para além do catálogo em si – a ficha simples de cada uma das peças, com identificação e local de procedência, referências sempre acompanhadas de magnífica fotografia a cores ou de desenho bem elucidativo –, temos aqui mais de dezassete textos de conceituados especialistas, docentes em universidades portuguesas e espanholas, que abarcam todos os aspectos da Pré-história e da Época Romana: o Paleolítico e a sua arte, o Neolítico, o Calcolítico, a arte rupestre esquemático-simbólica, a Idade do Bronze, a Idade do Ferro, assim como os mais variados aspectos acerca do mundo romano: crenças, ritos funerários, vida quotidiana, as moedas, as inscrições, a casa, balanças e pesos, a rede viária...

Cumprе, pois, cabalmente, a sua função de memória e de guia, vestido, como se disse, de bem requintadas roupagens, de impecável apresentação. Os textos são, na sua totalidade, inteiramente acessíveis ao grande público que, assim, mui facilmente se integra no contexto e compreende o elevado interesse histórico de cada uma das peças que contempla.

Das inscrições, por exemplo, tema que me é particularmente caro, dá-se muito boa fotografia, bem iluminada e artística, faz-se a leitura desdobrada e a respectiva tradução epigráfica. E daí se deduz a sua função. Como será intuitivo deduzir a dum punhal ou dum peso de balança... Cumprе-se, pois, o objectivo: esclarecer o visitante, incitando-o, inclusive, a deixar-se inebriar pela beleza que, afinal, também nessas



épocas, como agora, não está a'hela do objecto de uso comum, por mais coezinha que seja a sua função. Faltará, talvez, uma indicação a que o estudioso – quer o investigador universitário (docente ou estudante) quer o simples estudante do Ensino Básico e Secundário em trabalho no âmbito da Área Escola – se poderia agarrar, se quisesse saber um pouco mais: como se chegou aquela leitura, como se identificou aquela peça, que contexto específico envolveu aquela outra ali... Ou seja, culgá não tivesse sido despidendo incluir, no final, uma bibliografia sumária, que pudesse orientar quem adregasse sonhar mais altos voos. Uma página de certo bastaria – até porque ficaram duas «em branco» – para umas luzes mais a iluminar tão eloquente repositório.

José d'Encarnação

